

EDITORIAL

É com imenso prazer que apresentamos o novo número da Revista de História da UFBA. No apagar das luzes do ano de 2022, onde ao longo desses doze meses fomos bombardeados por cortes e boicotes na educação brasileira e uma eleição presidencial extremamente polarizada, para citar alguns dos inúmeros contratemplos que enfrentamos, podemos concluir os trabalhos com uma esperança nascente. O retorno paulatino às atividades presenciais, a incorporação de novos membros ao corpo editorial da Revista, bem como o assessoramento contínuo dos antigos, se constituem como fatores que proporcionaram a continuidade do nosso trabalho. Contando com a supervisão e orientação do professor Moreno Laborda Pacheco, pudemos investir nosso tempo e trabalho nas atividades do periódico, fortalecendo e incentivando a produção e publicação científica em nosso país.

Para nós, estudantes de graduação e pós graduação, a faina diária que envolve a manutenção desta revista é, por vezes, cansativa e pouco valorizada. Relembrando as palavras dos antigos editores do periódico, cumprir nossas demandas pessoais e profissionais, trabalhando voluntariamente na continuidade desse meio de divulgação científica é uma tarefa árdua. Apesar de tudo, acreditamos no potencial de nós pesquisadores brasileiros, bem como na força propulsora de uma educação pública e que trabalha conjuntamente com a sociedade. Além disso, a continuidade da pesquisa em nosso país tem se tornado cada vez mais necessária e um símbolo de resistência frente aos ataques sofridos. Por isso, a publicação deste novo número é um motivo de comemoração!

Produzir ciência na conjuntura caótica dos últimos quatro anos foi extremamente necessário, embora difícil. Enfrentar os negacionismos diários, bem como a conduta de governantes alheios a formação intelectual e social do nosso país, contribuíram para um desestímulo visto em muitos centros científicos. Entretanto, esses fatores vieram reforçar a urgência do incentivo às artes, à cultura, à produção científica e a todos os outros setores sociais que buscam fortalecer nosso país e torná-lo mais democrático e acessível a todos. Nossa luta pela democratização, pelos direitos civis e pela possibilidade de se construir ambientes seguros e de forte incentivo à pesquisa é diário e, ainda que a passos largos, vem se mostrando eficaz. Rememorando a canção *Divino Maravilhoso* (1969), escrita por Caetano Veloso e Gilberto Gil, tendo sido imortalizada na voz da eterna Gal Costa: que estejamos sempre atentos e fortes!

Reforçando nossa política de publicação contínua, contamos com um artigo livre e quatro textos voltados ao Dossiê de História Indígena, abrangendo temporalidades diversas, retornando ao medievo e chegando aos anos iniciais de nosso século, fortalecendo a pertinência das diversas ramificações dos estudos na área da História. O dossiê é aberto com o texto de Solon Natalício Araújo dos Santos, em que o autor trata das entradas contra os chamados “gentios bravos” no sertão da Capitania da Bahia no século XVII. Em seguida, com o artigo de Rafael dos Santos Barros, a discussão sobre o sertanismo, dessa vez na família Adorno, é retomada tendo-se trabalhada também a configuração do território baiano frente aos embates entre os grupos indígenas e outros agentes coloniais que foram se instalando nesses espaços.

Por seu turno, o texto de Kátia Luzia Oliveira aborda a questão do conhecimento indígena produzido por eles próprios. Com isso, a autora discute a necessidade de compreender essas sociedades desprendendo-se dos ideais científicos ocidentais e reforçando o protagonismo desses povos na construção de suas existências. O dossiê é finalizado, então, com o artigo de Caroline Santana Brito e Fabrício Lyrio Santos sobre a construção do campo de estudos da História Indígena na Bahia, trazendo à tona as produções desenvolvidas nos programas de pós-graduação baianos, bem como focalizando na importância desses estudos para a construção de um cenário mais abrangente das pesquisas históricas. Por fim, na seção de artigos livres, temos o texto de Caio Rodrigues Schechner, em que o autor focaliza suas análises na religiosidade medieval portuguesa e suas relações com tradições cavaleirescas e imagéticas.

Dessa forma, com um novo número bastante heterogêneo, mas em que os textos confluem entre si, entregamos ao público leitor diverso esse novo número com muita alegria e realização. Desejamos a todos um novo ano de muita saúde, paz e realizações, endossando nosso compromisso com a ciência e o seu impacto na construção de realidades mais justas. Esperamos, também, que ainda em nosso tempo, o incentivo às pesquisas nacionais e à sua divulgação sejam ainda mais contínuos e eficazes.